



CRUZ DO ESPÍRITO SANTO-PB

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ DO ESPÍRITO SANTO - PARAÍBA

PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Tecnologia na Educação
- ▶ Raciocínio Lógico
- ▶ Conhecimentos Profissionais
- ▶ Pedagogia e Psicologia Educacional

INCLUI QUESTÕES GABARITADAS

EDITAL N° 001/2026



BÔNUS

ÁREA DO
CONCURSEIRO

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.

41
ANOS
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO



AVISO IMPORTANTE:



Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✖ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✖ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✖ Questões gabaritadas
- ✖ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



CRUZ DO ESPÍRITO SANTO - PB

Professor da
Educação Infantil e
dos Anos Iniciais



SL-056AG-26
7901183005987

Língua Portuguesa

1. Fonologia (conceitos, encontros vocálicos, dígrafos, divisão silábica)	7
2. Ortoépia, prosódia	10
3. Acentuação	11
4. Ortografia	12
5. Interpretação e Análise Textual (compreensão global, ideias principais e secundárias, inferências, coesão, coerência, gêneros textuais e variedades linguísticas)	16
6. Morfologia (estrutura e formação de palavras, classes de palavras e suas flexões)	27
7. Redação Oficial (elaboração de correspondências, ofícios, circulares e protocolos)	41
8. Semântica (significação de palavras, figuras de linguagem, sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação)	54
9. Sintaxe (termos da oração, período composto, classificação de orações)	56
10. Concordância verbal e nominal	60
11. Regência	64
12. Crase	68
13. Pontuação	70

Tecnologia na Educação

1. Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)	83
2. Aplicativos Educacionais	88
3. Avaliação Digital da Aprendizagem	93
4. Competências Digitais na Educação. Comunicação Digital no Ambiente Escolar	99
5. Cultura Digital e Educação. Educação a Distância (EAD)	104
6. Ferramentas de Colaboração Online. Inclusão Digital na Educação	109
7. Metodologias Ativas com Uso de Tecnologias. Plataformas Educacionais Digitais	114
8. Produção de Conteúdos Digitais	119
9. Segurança da Informação na Educação	124
10. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na Educação. Uso Pedagógico das Redes Sociais	130

Raciocínio Lógico

1. Análise combinatória básica	139
2. Diagramas lógicos	142
3. Equivalências lógicas	145
4. Lógica proposicional; Tabelas-verdade	149
5. Problemas de raciocínio analítico; Verdade e falsidade de proposições	151
6. Problemas de raciocínio dedutivo	153
7. Problemas de sequências numéricas e lógica	157
8. Problemas de raciocínio indutivo	159

Conhecimentos Profissionais

1. Alfabetização e letramento; Produção de textos nos anos iniciais	167
2. Aprendizagem baseada em jogos e brincadeiras.....	175
3. Avaliação da aprendizagem na educação infantil e anos iniciais	178
4. Campos de experiência na educação infantil.....	182
5. Consciência fonológica no processo de alfabetização	185
6. Construção do número e pensamento matemático inicial	187
7. Contação de histórias e formação do leitor	190
8. Desenvolvimento cognitivo na infância	193
9. Desenvolvimento motor na infância	196
10. Desenvolvimento socioemocional das crianças.....	198
11. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização	201
12. Desenvolvimento da linguagem oral e escrita; Estratégias de ensino da leitura; Estratégias de ensino da escrita.....	204
13. Estratégias de ensino da matemática nos anos iniciais	209
14. Interdisciplinaridade no ensino fundamental	212
15. Jogos pedagógicos na alfabetização; Ludicidade no processo de ensino-aprendizagem	216
16. Metodologias ativas na educação básica	219
17. Organização da rotina na educação infantil.....	221
18. Planejamento de atividades pedagógicas.....	223
19. Práticas de ensino de ciências nos anos iniciais.....	226
20. Práticas de ensino de geografia nos anos iniciais	229
21. Práticas de ensino de história nos anos iniciais	236
22. Projetos pedagógicos interdisciplinares.....	240
23. Recursos didáticos para alfabetização	241
24. Sequências didáticas na educação básica	244
25. Socialização e interação na infância.....	246
26. Uso de artes, música e expressão corporal no processo educativo	248

Pedagogia e Psicologia Educacional

1. Avaliação da aprendizagem: diagnóstica, formativa e somativa.....	257
2. Avaliação mediadora (Jussara Hoffmann).....	258
3. Desenvolvimento moral (Piaget e Kohlberg). Desenvolvimento socioemocional na infância e adolescência	263
4. Dificuldades e transtornos de aprendizagem (conceitos básicos).	269
5. Gestão da sala de aula e clima escolar	275
6. Inclusão escolar sob a perspectiva psicopedagógica	281
7. Inteligências múltiplas (Howard Gardner)	286
8. Interação professor-aluno no processo educativo	288
9. Jean Piaget: estágios do desenvolvimento cognitivo. Lev Vygotsky: mediação e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Henri Wallon: afetividade e desenvolvimento infantil	293
10. Metodologias ativas de aprendizagem	300
11. Motivação e aprendizagem.....	301

ÍNDICE

12. Processos de ensino e aprendizagem	305
13. Psicogênese da língua escrita (Emília Ferreiro).....	308
14. Teorias da aprendizagem (Behaviorismo, Cognitivismo e Construtivismo).	309
15. David Ausubel: aprendizagem significativa	313

LÍNGUA PORTUGUESA

FONOLOGIA (CONCEITOS, ENCONTROS VOCÁLICOS, DÍGRAFOS, DIVISÃO SILÁBICA)

Fonologia¹ é o ramo da linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma. Ao estudar a maneira como os fones ou fonemas (sons) se organizam dentro de uma língua, classifica-os em unidades capazes de distinguir significados.

²A Fonologia estuda o ponto de vista funcional dos Fonemas.

ESTRUTURA FONÉTICA

► Fonema

O fonema³ é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra. Veja o exemplo:

C + A + M + A = CAMA. Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som M por N, haverá uma nova palavra, CANA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras e distinguir uma palavra da outra.**

Ex.: *mim / sim / gim...*

► Letra

A letra é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala. É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema ou pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema.**

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: *bola* > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Os fonemas classificam-se em **vogais, semivogais e consoantes.**

► Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas letras abaixo. Veja:

A: brasa (oral), lama (nasal)

E: sério (oral), entrada (oral, timbre fechado), dentro (nasal)

I: antigo (oral), índio (nasal)

O: poste (oral), molho (oral, timbre fechado), longe (nasal)

U: saúde (oral), juntar (nasal)

Y: hobby (oral)

Observação: As vogais ainda podem ser tônicas ou átonas.

▪ **Tônica** aquela pronunciada com maior intensidade. Ex.: *café, bola, vidro.*

▪ **Átona** aquela pronunciada com menor intensidade. Ex.: *café, bola, vidro.*

► Semivogais

São as letras “e”, “i”, “o”, “u”, representadas pelos fonemas (e, y, o, w), quando formam sílaba com uma vogal. Ex.: No vocábulo “história” a sílaba “ria” apresenta a vogal “a” e a semivogal “i”.

Os fonemas semivocálicos (ou semivogais) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

▪ **pai:** a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

▪ **mouro:** a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

▪ **mãe:** a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

▪ **pão:** a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

▪ **cantam:** a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cantäu).

▪ **dancem:** a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= dancëi).

▪ **hífen:** a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= híféi).

▪ **glutens:** a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutëis).

1 <https://bit.ly/36RQAOb>.

2 <https://bit.ly/2slhcYZ>.

3 PESTANA, Fernando. *A gramática para concursos públicos*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

- **windsurf**: a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
- **office boy**: a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Quadro de vogais e semivogais	
Fonemas	Regras
A	Apenas VOGAL
E - O	VOGAIS, exceto quando está com A ou quando estão juntas (Neste caso a segunda é semivogal)
I - U	SEMIVOGAIS, exceto quando formam um hiato ou quando estão juntas (Neste caso a letra "I" é vogal)
AM	Quando aparece no final da palavra é SEMIVOGAL. Ex.: Dançam
EM - EN	Quando aparecem no final de palavras são SEMIVOGAIS. Ex.: Montem / Pólen

► Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

ENCONTROS VOCÁLICOS

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

► Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (Vogal – Vogal), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: *sa-í-da, ra-i-nha, ba-ús, ca-ís-te, tu-cu-mã-í, su-cu-u-ba, ru-im, jú-ni-or.*

► Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

- **Crescente** (SV + V, na mesma sílaba).

Ex.: *magistério (oral), série (oral), várzea (oral), quota (oral), quatorze (oral), enquanto (nasal), cinquenta (nasal), quinquênio (nasal).*

- **Decrescente** (V + SV, na mesma sílaba).

Ex.: *item (nasal), amam (nasal), sêmen (nasal), cãibra (nasal), caule (oral), ouro (oral), veia (oral), fluido (oral), vaidade (oral).*

► Tritongo

O tritongo é a união de **SV + V + SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: *saguão (nasal), Paraguai (oral), enxáguem (nasal), averiguou (oral), deságuam (nasal), aquei (oral).*

ENCONTROS CONSONANTAIS

Ocorre quando há um grupo de consoantes sem vogal intermediária. **Ex.:** *flor, grade, digno.*

- **Dígrafos**: duas letras representadas por um único fonema. **Ex.:** *passo, chave, telha, guincho, aquilo.*

Os dígrafos podem ser consonantais e vocálicos.

- **Consonantais**: ch (chuva), sc (nascer), ss (osso), sç (desça), lh (filho), xc (excelente), qu (quente), nh (vinho), rr (ferro), gu (guerra).

- **Vocálicos**: am, an (tampa, canto), em, en (tempo, vento), im, in (limpo, cinto), om, on (comprar, tonto), um, un (tumba, mundo).

LEMBRE-SE!

Nos dígrafos, as duas letras representam um só fonema; nos encontros consonantais, cada letra representa um fonema.

INTRODUÇÃO À DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica é um aspecto fundamental da língua portuguesa, pois facilita a correta pronúncia, escrita e leitura das palavras. Compreender como as sílabas se organizam dentro de uma palavra é essencial não apenas para o domínio ortográfico, mas também para o desenvolvimento da fluência linguística e da expressão oral.

Além disso, a divisão silábica tem implicações práticas em diversas áreas, como a separação de palavras ao final de uma linha e a identificação de estruturas fonéticas. Assim, o estudo das regras que orientam a separação das sílabas é indispensável para estudantes, professores e profissionais que buscam aprimorar o uso formal da língua.

Essa prática visa garantir uma comunicação clara e precisa, promovendo o entendimento correto das palavras e de suas funções dentro das frases.

DEFINIÇÃO DE DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica é o processo de segmentação das sílabas que compõem uma palavra, separando-a em partes menores chamadas sílabas. Cada sílaba é formada por um ou mais fonemas, pronunciados em uma única emissão de voz. A base fundamental de toda sílaba na língua portuguesa é a vogal, sendo, portanto, indispensável que cada sílaba contenha ao menos uma vogal para que seja considerada completa.

Essa separação é especialmente útil em contextos de escrita e fala, pois facilita tanto a correta pronúncia quanto a organização gráfica das palavras, como na separação ao final de uma linha.

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVA)

CONCEITO DE AVA

O Ambiente Virtual de Aprendizagem é uma plataforma digital estruturada para organizar processos educativos em meio online. Ele reúne recursos tecnológicos e pedagógicos que permitem disponibilizar materiais, propor atividades, promover interações, acompanhar o desempenho dos estudantes e registrar o desenvolvimento da aprendizagem. O AVA funciona como um espaço educacional digital, planejado para apoiar o ensino e a aprendizagem.

O conceito de AVA envolve três dimensões principais: tecnológica, pedagógica e comunicativa. A dimensão tecnológica diz respeito à plataforma, às ferramentas, aos recursos de acesso, ao armazenamento de dados, à navegação e à segurança. A dimensão pedagógica envolve planejamento, objetivos, conteúdos, atividades, avaliação e mediação docente. A dimensão comunicativa refere-se às interações entre professor, estudante, turma e instituição.

Um AVA pode ser usado em diferentes modalidades de ensino. Na educação presencial, pode servir como complemento às aulas, oferecendo materiais de apoio, tarefas, fóruns e registros. No ensino híbrido, combina momentos presenciais e digitais, permitindo que parte do percurso ocorra online. Na Educação a Distância, o AVA costuma ser o principal espaço de organização do curso, reunindo conteúdos, comunicação, atividades e avaliação.

É importante diferenciar AVA de simples ferramenta digital. Um aplicativo de mensagens, uma pasta online ou uma rede social podem apoiar a educação, mas não constituem necessariamente um ambiente virtual de aprendizagem completo. O AVA possui estrutura pedagógica mais ampla, com organização de turmas, unidades, atividades, acompanhamento, registros e comunicação. Ele é pensado para sustentar um percurso formativo.

O AVA também não deve ser confundido com aula online. Uma videoconferência é um encontro síncrono realizado pela internet. Ela pode fazer parte do AVA ou ser integrada a ele, mas o ambiente virtual é mais abrangente. O AVA permanece disponível antes e depois do encontro, organizando materiais, atividades, discussões e registros. Ele dá continuidade ao processo educativo.

Entre os recursos comuns em AVA estão páginas de conteúdo, fóruns de discussão, envio de tarefas, questionários, wikis, glossários, chats, calendários, relatórios de acesso, espaços de feedback, rubricas avaliativas, trilhas de aprendizagem, links externos, biblioteca digital e integração com videoconferências. Cada recurso deve ser escolhido conforme o objetivo pedagógico. Ter muitas ferramentas não significa ensinar melhor.

O AVA também pode favorecer a personalização da aprendizagem. Ao organizar conteúdos em módulos, oferecer atividades com diferentes níveis de dificuldade, permitir tentativas, disponibilizar feedback e acompanhar progresso individual, o professor pode identificar necessidades específicas dos estudantes. A personalização, porém, exige análise pedagógica e não apenas automação.

Outro elemento do conceito de AVA é a persistência do registro. Diferentemente de uma aula oral que se encerra ao final do encontro, o ambiente virtual registra materiais, interações e atividades. O estudante pode retomar conteúdos; o professor pode revisar participações; a instituição pode acompanhar processos. Esses registros são valiosos, mas exigem cuidado com privacidade e proteção de dados.

Um AVA bem construído precisa ser intuitivo. A interface deve favorecer a navegação, e não dificultá-la. Menus confusos, excesso de cliques, materiais sem identificação e ausência de orientação prejudicam a experiência do estudante. A tecnologia educacional deve ser organizada a partir da perspectiva de quem aprende, não apenas de quem administra a plataforma.

O conceito de AVA também envolve acessibilidade. Um ambiente virtual deve considerar estudantes com deficiência, dificuldades de leitura, limitações de acesso, diferentes dispositivos e variados níveis de letramento digital. Isso significa usar materiais legíveis, vídeos com legenda quando possível, descrições de imagens, arquivos compatíveis e linguagem orientadora.

► Funções pedagógicas do AVA

As funções pedagógicas do AVA estão relacionadas ao modo como esse ambiente contribui para ensinar, aprender, interagir, avaliar e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes. O AVA não é apenas um local de armazenamento de materiais; ele pode desempenhar papel ativo na organização do percurso educativo, na mediação do conhecimento e na construção da autonomia.

Uma das funções principais é organizar conteúdos. O professor pode estruturar o ambiente por aulas, semanas, temas, unidades, módulos ou trilhas. Essa organização ajuda o estudante a compreender o caminho de aprendizagem. Quando o conteúdo está bem distribuído, com orientações claras e sequência lógica, o estudante sabe por onde começar, o que estudar, que atividade realizar e como avançar.

Outra função importante é diversificar linguagens. O AVA permite integrar textos, vídeos, áudios, infográficos, imagens, apresentações, simulações, links, podcasts, mapas mentais e atividades interativas. Essa variedade pode enriquecer a aprendizagem, pois diferentes estudantes aprendem melhor com diferentes linguagens. Contudo, a diversidade precisa ter finalidade pedagógica. Inserir muitos recursos sem conexão pode confundir.

O AVA também favorece a interação. Fóruns, comentários, chats, mensagens e espaços colaborativos permitem que estudantes perguntem, respondam, debatam e compartilhem produções. A interação é essencial porque a aprendizagem não ocorre apenas pela recepção de conteúdo. Ela também se desenvolve no diálogo, na argumentação, na dúvida e na troca de experiências.

A função avaliativa é igualmente relevante. O ambiente virtual pode receber tarefas, aplicar questionários, registrar notas, permitir autoavaliações, promover avaliação por pares e oferecer feedback. A avaliação digital pode ser diagnóstica, formativa ou somativa. O mais importante é que ela ajude a compreender o processo de aprendizagem, e não apenas atribua uma nota final.

O AVA também permite acompanhamento contínuo. O professor pode verificar quais estudantes acessaram o material, quem enviou atividades, quais dificuldades aparecem nos questionários, quais dúvidas se repetem nos fóruns e quais estudantes estão participando pouco. Essas informações ajudam a tomar decisões pedagógicas. O acompanhamento deve servir para apoiar, e não para vigiar de forma fria ou punitiva.

Outra função pedagógica é promover autonomia. O estudante pode acessar conteúdos no próprio ritmo, rever explicações, organizar seus horários e acompanhar prazos. A autonomia, entretanto, precisa ser ensinada. Muitos estudantes necessitam de orientações sobre como estudar no ambiente virtual, como organizar agenda, como participar de fóruns e como pedir ajuda. O AVA deve oferecer estrutura para essa aprendizagem.

O AVA também pode funcionar como espaço de continuidade. Após uma aula presencial ou síncrona, o estudante pode acessar materiais complementares, realizar exercícios, participar de discussão e revisar o conteúdo. Antes da aula, pode estudar materiais introdutórios. Assim, o tempo pedagógico se amplia. O processo não se limita ao encontro em sala.

A função colaborativa também merece destaque. O AVA pode permitir produção coletiva de textos, construção de glossários, elaboração de projetos, debates temáticos e compartilhamento de pesquisas. A colaboração ajuda os estudantes a desenvolverem responsabilidade coletiva, argumentação, escuta e negociação. Para funcionar bem, precisa de regras claras e objetivos definidos.

O ambiente virtual também pode apoiar a recuperação e o reforço da aprendizagem. Estudantes com dificuldades podem acessar materiais explicativos, atividades extras, videoaulas de revisão, exercícios com feedback e orientações personalizadas. O professor pode criar percursos diferenciados para atender necessidades específicas. Isso torna o AVA uma ferramenta de apoio à inclusão pedagógica.

► Organização de conteúdos e trilhas de aprendizagem

A organização de conteúdos é um dos aspectos mais importantes em um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Em espaços digitais, a clareza da organização substitui parte das orientações que, no ambiente presencial, seriam dadas oralmente pelo professor. Quando o estudante acessa o AVA, precisa compreender rapidamente o que deve fazer, onde encontrar os materiais, qual é a sequência de estudo e quais são os prazos.

Uma forma comum de organização é por unidades temáticas. Nesse modelo, cada unidade reúne conteúdos relacionados a um tema específico. Por exemplo, em um curso de Língua Portuguesa, uma unidade pode tratar de leitura, outra de produção textual, outra de gramática e outra de oralidade. Essa divisão ajuda o estudante a perceber os blocos de conhecimento e a relação entre os conteúdos.

Outra forma é a organização por semanas ou aulas. Esse modelo é útil quando o curso segue cronograma definido. A cada semana, o estudante encontra os materiais, atividades e orientações correspondentes. Essa estrutura facilita o acompanhamento do tempo e reduz a sensação de desorganização. Para funcionar bem, os títulos devem ser claros, como “Semana 1 — Introdução ao tema” ou “Aula 3 — Atividade prática”.

Também é possível organizar o AVA por trilhas de aprendizagem. A trilha é uma sequência planejada de etapas que orienta o estudante desde conhecimentos iniciais até atividades mais complexas. Ela pode incluir leitura, vídeo, exercício, fórum, produção individual, atividade colaborativa e avaliação. A ideia é construir um percurso, e não apenas disponibilizar materiais soltos.

Uma trilha de aprendizagem bem estruturada apresenta começo, desenvolvimento e fechamento. No início, pode trazer uma questão motivadora, um diagnóstico ou uma apresentação do tema. No desenvolvimento, oferece conteúdos, exemplos, atividades e interações. No fechamento, propõe síntese, avaliação, reflexão ou aplicação prática. Essa sequência ajuda o estudante a entender a finalidade de cada etapa.

A organização dos conteúdos deve considerar progressão pedagógica. Conteúdos mais simples ou introdutórios devem vir antes de tarefas complexas. Não faz sentido pedir uma produção elaborada sem que o estudante tenha acesso prévio a conceitos, exemplos e orientações. A progressão adequada evita frustração e melhora a qualidade da aprendizagem.

Os títulos e descrições são fundamentais. Um arquivo chamado “Material 1” ou “Documento final novo” não orienta o estudante. É melhor usar títulos informativos, como “Texto-base: conceito de cultura digital” ou “Atividade 2: análise de vídeo educativo”. Pequenas descrições também ajudam: “Leia o texto e responda às questões no fórum até sexta-feira.” A clareza reduz dúvidas repetitivas.

A quantidade de materiais deve ser equilibrada. Um AVA com excesso de arquivos pode sobrecarregar o estudante. O professor deve distinguir materiais obrigatórios, complementares e opcionais. Essa classificação orienta o estudo. Por exemplo: “Leitura obrigatória”, “Vídeo complementar” e “Material de aprofundamento”. Assim, o estudante entende prioridades.

RACIOCÍNIO LÓGICO

ANÁLISE COMBINATÓRIA BÁSICA

A análise combinatória ou combinatória é a parte da Matemática que estuda métodos e técnicas que permitem resolver problemas relacionados com contagem¹.

Muito utilizada nos estudos sobre probabilidade, ela faz análise das possibilidades e das combinações possíveis entre um conjunto de elementos.

PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA CONTAGEM

O princípio fundamental da contagem, também chamado de princípio multiplicativo, postula que:

“quando um evento é composto por n etapas sucessivas e independentes, de tal modo que as possibilidades da primeira etapa são x e as possibilidades da segunda etapa são y , resulta no número total de possibilidades de o evento ocorrer, dado pelo produto $(x) \cdot (y)$ ”.

Em resumo, no princípio fundamental da contagem, multiplica-se o número de opções entre as escolhas que lhe são apresentadas.

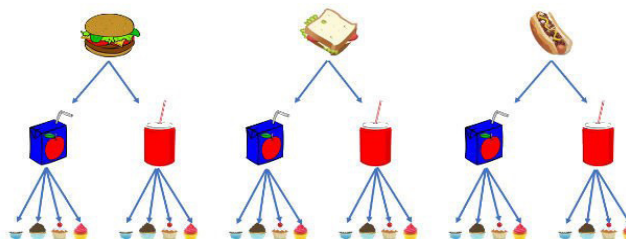
Exemplo:

Uma lanchonete vende uma promoção de lanche a um preço único. No lanche, estão incluídos um sanduíche, uma bebida e uma sobremesa.

São oferecidas três opções de sanduíches: hambúrguer especial, sanduíche vegetariano e cachorro-quente completo. Como opção de bebida pode-se escolher 2 tipos: suco de maçã ou guaraná.

Para a sobremesa, existem quatro opções: cupcake de cereja, cupcake de chocolate, cupcake de morango e cupcake de baunilha. Considerando todas as opções oferecidas, de quantas maneiras um cliente pode escolher o seu lanche?

Solução: Podemos começar a resolução do problema apresentado, construindo uma árvore de possibilidades, conforme ilustrado abaixo:



Acompanhando o diagrama, podemos diretamente contar quantos tipos diferentes de lanches podemos escolher. Assim, identificamos que existem 24 combinações possíveis.

Podemos ainda resolver o problema usando o princípio multiplicativo. Para saber quais as diferentes possibilidades de lanches, basta multiplicar o número de opções de sanduíches, bebidas e sobremesa.

Total de possibilidades: $3 \cdot 2 \cdot 4 = 24$.

Portanto, temos 24 tipos diferentes de lanches para escolher na promoção.

TIPOS DE COMBINATÓRIA

O princípio fundamental da contagem pode ser usado em grande parte dos problemas relacionados com contagem. Entretanto, em algumas situações seu uso torna a resolução muito trabalhosa.

Desta maneira, usamos algumas técnicas para resolver problemas com determinadas características. Basicamente há três tipos de agrupamentos: arranjos, combinações e permutações.

Antes de conhecermos melhor esses procedimentos de cálculo, precisamos definir uma ferramenta muito utilizada em problemas de contagem, que é o fatorial.

O fatorial de um número natural é definido como o produto deste número por todos os seus antecessores. Utilizamos o símbolo $!$ para indicar o fatorial de um número.

Define-se ainda que o fatorial de zero é igual a 1.

Exemplo:

$$0! = 1.$$

$$1! = 1.$$

$$3! = 3 \cdot 2 \cdot 1 = 6.$$

$$7! = 7 \cdot 6 \cdot 5 \cdot 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 5.040.$$

$$10! = 10 \cdot 9 \cdot 8 \cdot 7 \cdot 6 \cdot 5 \cdot 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 3.628.800.$$

Note que o valor do fatorial cresce rapidamente, conforme cresce o número. Então, frequentemente usamos simplificações para efetuar os cálculos de análise combinatória.

¹ <https://www.todamateria.com.br/analise-combinatoria/>

ARRANJOS

Nos arranjos, os agrupamentos dos elementos dependem da ordem e da natureza dos mesmos.

Para obter o arranjo simples de n elementos tomados, p a p ($p \leq n$), utiliza-se a seguinte expressão:

$$A_{n,p} = n! / (n - p)!$$

Exemplo: Como exemplo de arranjo, podemos pensar na votação para escolher um representante e um vice-representante de uma turma, com 20 alunos. Sendo que o mais votado será o representante e o segundo mais votado o vice-representante.

Dessa forma, de quantas maneiras distintas a escolha poderá ser feita? Observe que nesse caso, a ordem é importante, visto que altera o resultado.

$$A_{20,2} = 20! / (20 - 2)!$$

$$A_{20,2} = (20 \cdot 19 \cdot 18!) / 18! = 380$$

Logo, o arranjo pode ser feito de 380 maneiras diferentes.

PERMUTAÇÕES

As permutações são agrupamentos ordenados, onde o número de elementos (n) do agrupamento é igual ao número de elementos disponíveis.

Note que a permutação é um caso especial de arranjo, quando o número de elementos é igual ao número de agrupamentos. Desta maneira, o denominador na fórmula do arranjo é igual a 1 na permutação.

Assim a permutação é expressa pela fórmula:

$$P_n = n!$$

Exemplo: Para exemplificar, vamos pensar de quantas maneiras diferentes 6 pessoas podem se sentar em um banco com 6 lugares.

Como a ordem em que irão se sentar é importante e o número de lugares é igual ao número de pessoas, iremos usar a permutação:

$$P_6 = 6! = 6 \cdot 5 \cdot 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 720$$

Logo, existem 720 maneiras diferentes para as 6 pessoas se sentarem neste banco.

COMBINAÇÕES

As combinações são subconjuntos em que a ordem dos elementos não é importante, entretanto, são caracterizadas pela natureza dos mesmos.

Assim, para calcular uma combinação simples de n elementos tomados p a p ($p \leq n$), utiliza-se a seguinte expressão:

$$C_{n,p} = n! / [p! \cdot (n - p)!]$$

Exemplo: A fim de exemplificar, podemos pensar na escolha de 3 membros para formar uma comissão organizadora de um evento, dentre as 10 pessoas que se candidataram.

De quantas maneiras distintas essa comissão poderá ser formada?

Note que, ao contrário dos arranjos, nas combinações a ordem dos elementos não é relevante. Isso quer dizer que escolher Maria, João e José é equivalente a escolher João, José e Maria.

$$C_{10,3} = 10! / [3! \cdot (10 - 3)!]$$

$$C_{10,3} = (10 \cdot 9 \cdot 8 \cdot 7!) / (3! \cdot 7!)$$

$$C_{10,3} = (10 \cdot 9 \cdot 8) / (3 \cdot 2 \cdot 1) = 120$$

Observe que para simplificar os cálculos, transformamos o fatorial de 10 em produto, mas conservamos o fatorial de 7, pois, desta forma, foi possível simplificar com o fatorial de 7 do denominador.

Assim, existem 120 maneiras distintas de formar a comissão.

PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA

A Probabilidade permite analisar ou calcular as chances de obter determinado resultado diante de um experimento aleatório. São exemplos as chances de um número sair em um lançamento de dados ou a possibilidade de ganhar na loteria.

A partir disso, a probabilidade é determinada pela razão entre o número de eventos favoráveis e o número de eventos possíveis, sendo apresentada pela seguinte expressão:

$$P(A) = n(A) / n(\Omega)$$

Sendo:

P (A): probabilidade de ocorrer um evento A.

n (A): número de resultados favoráveis.

n (Ω): número total de resultados possíveis.

Para encontrar o número de casos possíveis e favoráveis, muitas vezes necessitamos recorrer às fórmulas estudadas em análise combinatória.

Exemplo: Qual a probabilidade de um apostador ganhar o prêmio máximo da Mega-Sena, fazendo uma aposta mínima, ou seja, apostar exatamente nos seis números sorteados?

Solução: Como vimos, a probabilidade é calculada pela razão entre os casos favoráveis e os casos possíveis. Nesta situação, temos apenas um caso favorável, ou seja, apostar exatamente nos seis números sorteados.

Já o número de casos possíveis é calculado levando em consideração que serão sorteados, ao acaso, 6 números, não importando a ordem, de um total de 60 números.

Para fazer esse cálculo, usaremos a fórmula de combinação, conforme indicado abaixo:

$$C_{60,6} = 60! / [6! \cdot (60 - 6)!]$$

$$C_{60,6} = (60 \cdot 59 \cdot 58 \cdot 57 \cdot 56 \cdot 55 \cdot 54!) / (6! \cdot 54!)$$

$$C_{60,6} = 36\,045\,979\,200 / 720$$

$$C_{60,6} = 50\,063\,860$$

CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO; PRODUÇÃO DE TEXTOS NOS ANOS INICIAIS

A educação contemporânea, especialmente no que se refere ao ensino de leitura e escrita, envolve dois conceitos fundamentais: alfabetização e letramento. Embora frequentemente usados de forma intercambiável, esses termos se referem a aspectos distintos, mas complementares, do desenvolvimento linguístico.

Alfabetização pode ser definida como o processo de ensinar e aprender a leitura e a escrita. Seu foco está no domínio do sistema alfabético de escrita, ou seja, a compreensão de que letras e sons possuem correspondências e que, a partir dessa relação, o sujeito pode ler e produzir palavras, frases e textos. Tradicionalmente, a alfabetização tem sido associada ao ensino das habilidades básicas de decodificação de palavras e à escrita de textos simples.

Por outro lado, o letramento vai além da mera capacidade de ler e escrever. Ele está relacionado ao uso dessas habilidades em contextos sociais e culturais. Em outras palavras, o letramento trata da função social da leitura e da escrita: como o indivíduo utiliza essas competências para participar ativamente de práticas de comunicação e interação em sua comunidade. Ser letrado implica saber interpretar, analisar e produzir textos adequados a diferentes situações comunicativas, exercendo assim a cidadania de forma plena.

A distinção entre alfabetização e letramento foi amplamente discutida por pesquisadores como Magda Soares, que destaca a alfabetização como a aprendizagem técnica da escrita, enquanto o letramento envolve a inserção social e cultural da pessoa em práticas de leitura e escrita. Segundo Soares (2004), uma educação completa deve abranger ambos os processos, promovendo não só a capacidade de ler e escrever, mas também o uso crítico e reflexivo dessas habilidades no cotidiano.

Na prática pedagógica, isso implica que o educador não deve se limitar a ensinar o código alfabético de forma isolada. Pelo contrário, a alfabetização precisa ser integrada a situações que envolvam o uso real da linguagem escrita, promovendo o letramento de forma contextualizada. Assim, o aluno não apenas aprende a ler e escrever, mas compreende como essas habilidades são fundamentais para a comunicação, a construção de conhecimento e a participação ativa na sociedade.

Essa abordagem integrada reflete a concepção contemporânea de que a alfabetização e o letramento são processos complementares e indissociáveis. O indivíduo alfabetizado está apto a decodificar palavras, mas o sujeito letrado sabe interpretar os significados que essas palavras carregam em diferentes contextos e, mais importante, pode produzir novos sentidos, engajando-se em práticas sociais que envolvem leitura e escrita.

Em síntese, a alfabetização e o letramento devem ser trabalhados de forma conjunta, de modo que o aluno desenvolva, simultaneamente, a competência técnica de leitura e escrita e a habilidade crítica de usar essas competências na vida social. Isso é especialmente relevante em um mundo onde a escrita desempenha um papel central nas interações diárias, sejam elas acadêmicas, profissionais ou pessoais.

Esses conceitos embasam a importância de estratégias pedagógicas que envolvam não apenas o ensino do código alfabético, mas também o contato frequente com diferentes gêneros discursivos, promovendo uma leitura e escrita significativas.

ALFABETIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA ALFABÉTICO DE ESCRITA

A alfabetização é o processo pelo qual uma pessoa adquire a capacidade de ler e escrever, dominando o sistema alfabético de escrita. Esse sistema baseia-se na correspondência entre sons (fonemas) e letras (grafemas), permitindo que o sujeito decodifique e codifique palavras e textos. A alfabetização, portanto, vai além da simples memorização de letras e palavras, exigindo um entendimento profundo das regras e convenções da língua escrita.

► Fases do Processo de Alfabetização

A construção do sistema alfabético de escrita ocorre em etapas graduais. Essas fases, descritas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, revelam que a criança passa por diferentes níveis de compreensão até dominar o sistema alfabético:

- **Fase Pré-Silábica:** Nessa fase inicial, a criança ainda não compreende que existe uma relação entre as letras e os sons da fala. Ela pode produzir rabiscos ou letras aleatórias, sem qualquer correspondência fonética. Nesse estágio, a escrita é mais um registro gráfico do que uma representação da linguagem.
- **Fase Silábica:** A criança começa a perceber que existe uma relação entre a fala e a escrita. Nesse estágio, ela tende a usar uma letra para representar cada sílaba da palavra. Por exemplo, ao escrever a palavra “casa”, a criança pode registrar apenas “CA”. Esse é um avanço significativo, pois demonstra uma primeira tentativa de relacionar sons da fala com letras.
- **Fase Silábico-Alfabética:** Nesse momento, a criança já entende que algumas sílabas são compostas por mais de uma letra e começa a misturar o uso silábico com o alfabético. Assim, pode escrever “CSA” para a palavra “casa”, usando algumas letras corretamente e omitindo outras.

▪ **Fase Alfabética:** Finalmente, a criança domina o princípio alfabético, ou seja, reconhece que cada som da fala pode ser representado por uma ou mais letras. Ela passa a escrever de forma convencional, ainda que com erros ortográficos, mas já é capaz de decodificar e codificar palavras de maneira autônoma.

Essas fases mostram que a alfabetização não é um processo mecânico de memorização, mas sim uma construção cognitiva em que a criança elabora hipóteses sobre a escrita e ajusta seu conhecimento com base nas interações e estímulos que recebe.

► Métodos de Alfabetização

Ao longo da história da educação, diversos métodos foram desenvolvidos para facilitar o ensino da alfabetização. Esses métodos podem ser classificados em dois grandes grupos: métodos analíticos e métodos sintéticos.

▪ **Método Fônico (sintético):** um dos métodos mais utilizados atualmente, o método fônico ensina a criança a identificar os sons das letras (fonemas) e a combiná-los para formar palavras. Ele enfatiza a consciência fonológica, ou seja, a capacidade de segmentar e manipular os sons da fala, o que facilita a leitura e a escrita de palavras novas. Esse método tem sido amplamente defendido por pesquisas que mostram sua eficácia na promoção da decodificação rápida e precisa das palavras.

▪ **Método Silábico (sintético):** o método silábico ensina a criança a reconhecer e combinar sílabas para formar palavras. Embora seja menos eficaz para a leitura fluente do que o método fônico, ele pode ser útil nas fases iniciais da alfabetização, já que trabalha com unidades maiores (sílabas), o que muitas vezes é mais intuitivo para a criança.

▪ **Método Global (analítico):** também conhecido como método de palavras ou de frases, o método global apresenta à criança textos completos desde o início, incentivando-a a reconhecer palavras e frases em seu contexto. A ideia é que a leitura de textos inteiros, em vez de sílabas ou fonemas isolados, ajude a criança a compreender o significado da linguagem escrita de forma mais integrada. No entanto, críticos apontam que esse método pode ser insuficiente para o desenvolvimento da habilidade de decodificação.

▪ **Método Construtivista:** baseado nas teorias de Emilia Ferreiro, esse método valoriza o processo de construção do conhecimento pela criança. O professor atua como mediador, incentivando os alunos a explorarem hipóteses sobre a escrita e a corrigirem seus erros à medida que avançam nas fases da alfabetização. Esse método reconhece que a criança é um sujeito ativo no aprendizado e respeita seu ritmo de desenvolvimento.

► O Papel da Consciência Fonológica

Um dos aspectos cruciais no processo de alfabetização é o desenvolvimento da consciência fonológica, que se refere à habilidade de perceber e manipular os sons da fala.

Pesquisas mostram que crianças que possuem uma consciência fonológica bem desenvolvida têm mais facilidade para aprender a ler e escrever, pois conseguem identificar os sons das palavras e relacioná-los com as letras. Atividades que envolvem a rima, a segmentação de palavras em sílabas e fonemas, e a manipulação de sons ajudam a fortalecer essa competência.

A consciência fonológica é particularmente importante no método fônico, que depende da habilidade da criança de identificar e combinar sons. Trabalhar essa consciência de forma lúdica e interativa pode acelerar o progresso no processo de alfabetização.

A alfabetização é um processo essencialmente cognitivo e social, no qual a criança aprende não apenas a decodificar letras e sons, mas a compreender como o sistema de escrita representa a linguagem. O domínio do sistema alfabético envolve múltiplas fases de desenvolvimento, que vão desde as primeiras tentativas de escrita até o entendimento pleno das regras da língua.

Métodos de ensino eficazes devem levar em consideração tanto os aspectos fônicos e silábicos quanto a dimensão construtivista e contextual da escrita, respeitando o ritmo de cada criança e promovendo uma alfabetização significativa e duradoura.

LETRAMENTO: A INSERÇÃO SOCIAL PELA LINGUAGEM ESCRITA

O letramento é um conceito que vai além do processo de alfabetização. Enquanto a alfabetização se refere à aquisição das habilidades técnicas de leitura e escrita, o letramento envolve o uso dessas habilidades em contextos sociais, culturais e comunicativos.

Em outras palavras, o letramento se refere à capacidade de um indivíduo de utilizar a leitura e a escrita de forma competente e funcional em situações reais da vida cotidiana, como interpretar um contrato, entender uma notícia ou redigir um e-mail.

► Definição de Letramento e Enfoque Social

O letramento é, portanto, um conceito que abrange não só a decodificação de símbolos escritos, mas também a compreensão crítica e o uso prático da linguagem escrita em diferentes contextos. De acordo com Soares (2004), o letramento deve ser entendido como uma prática social em que o indivíduo é inserido nas diferentes formas de uso da escrita, tornando-se capaz de interagir com o mundo de maneira ativa e consciente.

Esse conceito é particularmente importante na sociedade contemporânea, onde a escrita desempenha um papel central nas interações pessoais, acadêmicas e profissionais. Um sujeito letrado não é apenas aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que compreende os diferentes gêneros discursivos, consegue interpretar o que lê e é capaz de produzir textos adequados às demandas de cada situação.

► O Uso do Texto Escrito em Diferentes Contextos

No mundo atual, as práticas de letramento estão presentes em praticamente todos os aspectos da vida social. A habilidade de lidar com textos é exigida em múltiplas situações, como:

PEDAGOGIA E PSICOLOGIA EDUCACIONAL

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: DIAGNÓSTICA, FORMATIVA E SOMATIVA

¹O termo avaliar tem sido associado a fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Nela a educação é imaginada como simples transmissão e memorização de informações prontas e o educando é visto como um ser paciente e receptivo. Em uma concepção pedagógica mais moderna, a educação é concebida como experiência de vivências múltiplas, agregando o desenvolvimento total do educando. Nessa abordagem o educando é um ser ativo e dinâmico, que participa da construção de seu próprio conhecimento. Nesse ponto de vista, a avaliação admite um significado orientador e cooperativo.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem, é realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular. A avaliação não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica. O erro, passa a ser considerado como pista que indica como o educando está relacionando os conhecimentos que já possui com os novos conhecimentos que vão sendo adquiridos, admitindo uma melhor compreensão dos conhecimentos solidificados, interação necessária em um processo de construção e de reconstrução. O erro, neste caso deixa de representar a ausência de conhecimento adequado. Toda resposta ao processo de aprendizagem, seja certa ou errada, é um ponto de chegada, por mostrar os conhecimentos que já foram construídos e absorvidos, e um novo ponto de partida, para um recomeço possibilitando novas tomadas de decisões.

A avaliação, dessa forma, tem uma função prognóstica, que avalia os conhecimentos prévios dos alunos, considerada a avaliação de entrada, avaliação de input; uma função diagnóstica, do dia-a-dia, a fim de verificar quem absorveu todos os conhecimentos e adquiriu as habilidades previstas nos objetivos estabelecidos. Para José Eustáquio Romão, existe também uma função classificatória, avaliação final, que funciona como verificação do nível alcançado pelos alunos, avaliação de output. Através da função diagnóstica podemos verificar quais as reais causas que impedem a aprendizagem do aluno. O exemplo classificatório de avaliação, oficializa a visão de sociedade excludente adotada pela escola.

► ¹Tipos de Avaliação

Assim como as crianças e adolescentes aprendem de diferentes formas, avaliar esses conhecimentos também exige essa diversidade. Ao aderir a essa prática, os professores passam a ter uma dimensão mais completa e integral dos alunos.

Os principais tipos de avaliação, são a diagnóstica, formativa, somativa e externa.

Avaliação diagnóstica

Como o próprio nome indica, esta modalidade possibilita identificar e mapear os saberes dos estudantes em relação a determinado objeto do conhecimento ou habilidade. No ciclo de alfabetização, a avaliação diagnóstica também pode ser chamada de sondagem e acontece periodicamente para acompanhar os avanços das crianças.

O mais comum é que aconteça no início de cada bimestre. Porém, o mais indicado é aumentar a frequência. “Ela deve acontecer várias vezes. A cada novo trabalho ou objeto de conhecimento precisamos de um diagnóstico”, diz Kátia Chiaradia.

A avaliação diagnóstica deve ser capaz de verificar as lacunas, identificar os avanços e os pontos de destaque da turma. Esses dados são utilizados para orientar o planejamento docente e podem nortear, por exemplo, a organização de agrupamentos produtivos.

Olhar para aspectos socioemocionais e mapear interesses, hábitos e realidade de cada aluno também são pontos interessantes de se considerar na hora de planejar o diagnóstico.

Não existe um modelo único para esse tipo de avaliação: ela pode ser realizada utilizando metodologias ativas, roda de conversa ou ser um modelo mais próximo das provas tradicionais.

Muitas secretarias de educação utilizam diagnósticos em rede como um termômetro geral das escolas. Mesmo nesses casos, é importante que o professor realize o seu próprio diagnóstico como forma de complementar as informações e conhecer mais o perfil da turma.

Avaliação formativa (contínua ou processual)

A avaliação processual acontece ao longo do processo de aprendizagem, sempre a partir de um diagnóstico. Conforme acompanha o processo da turma, o professor tem as evidências necessárias para pensar em boas intervenções e saber quando é necessário mudar o percurso – isto é, não é preciso aguardar o término do bimestre para verificar que uma estratégia não funcionou ou que os alunos ainda estão com dificuldade em determinada habilidade.

¹ <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm>

¹ <https://novaescola.org.br/conteudo/8778/o-que-e-avaliacao>

Para fazer essa avaliação, podem ser utilizadas ferramentas como, por exemplo:

- Produções orais, em grupo e individuais.
- Pesquisas.
- Seminários.
- Estudos de caso.
- Autoavaliação.
- Questionários.

Já para analisar os resultados, utilizam-se rubricas com diferentes níveis de performance. Esses critérios permitem que o professor oriente a observação. Eles devem estar sempre alinhados aos objetivos de aprendizagem previstos naquela atividade ou projeto e conter as evidências para demonstrar que o estudante aprendeu - saiba o que levar em conta para fazer esse trabalho nos Anos Iniciais. Essas expectativas devem ser compartilhadas com a turma.

Um tipo de avaliação formativa é a comparativa, que visa promover uma análise entre o que o aluno sabia antes de determinada atividade e depois.

Avaliação somativa

É a modalidade mais tradicional de avaliação e caracteriza-se por evidenciar se os alunos dominam determinado conjunto de habilidades. Comumente, acontece ao final do bimestre ou sequência didática. Ao final, atribui-se um conceito ou nota numérica para o desempenho dos estudantes.

Pode ser dissertativa ou de múltipla escolha. É importante que as perguntas sejam claras e, pela resolução da questão, o professor consiga evidenciar as aprendizagens.

Avaliações externas

São provas realizadas em larga escala para avaliar o sistema educacional e auxiliam na construção de uma visão sistêmica sobre como está a aprendizagem no território.

Dentro da escola, os resultados dos estudantes também devem ser analisados, porém os descritores dessas avaliações não devem orientar o planejamento docente – isto é, o objetivo do professor é desenvolver habilidades do currículo, não preparar os alunos para essas provas.

AValiação Mediadora (Jussara Hoffmann)

AValiação Como Parte Do Processo De Aprendizagem

A avaliação mediadora, proposta por Jussara Hoffmann, representa uma mudança profunda na forma de compreender a avaliação escolar. Em vez de tratar a avaliação apenas como momento de verificação, classificação ou atribuição de notas, essa concepção entende que avaliar é acompanhar o processo de aprendizagem do estudante e intervir pedagogicamente para que ele avance. A avaliação deixa de ser um ato final, realizado depois do ensino, e passa a fazer parte do próprio processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, avaliar não é simplesmente perguntar “quanto o aluno aprendeu?”, mas investigar “como ele está aprendendo?”, “quais hipóteses construiu?”, “que dificuldades apresenta?”, “que intervenções podem ajudá-lo?” e “quais novas situações de aprendizagem precisam ser propostas?”.

Na tradição escolar, muitas vezes a avaliação foi reduzida à aplicação de provas, testes, trabalhos e notas. Esse modelo costuma concentrar-se no resultado final, comparando estudantes entre si e classificando-os como bons, médios ou fracos. A nota, nesse contexto, passa a ocupar lugar central, como se pudesse representar de maneira completa a aprendizagem do estudante. Jussara Hoffmann critica essa visão porque ela empobrece o sentido pedagógico da avaliação. Uma nota pode indicar um desempenho em determinado momento, mas não explica, por si só, o percurso do aluno, suas estratégias de pensamento, suas dificuldades específicas, seus avanços ou as condições em que a aprendizagem ocorreu.

A avaliação mediadora parte de outra lógica. Ela compreende que a aprendizagem é um processo contínuo, dinâmico e singular. Cada estudante aprende em determinado ritmo, mobiliza conhecimentos prévios, formula hipóteses, comete erros, reorganiza ideias e avança a partir das interações que vivencia. O professor, nesse processo, não é apenas alguém que mede resultados. Ele é mediador da aprendizagem. Isso significa que observa, escuta, interpreta, questiona, desafia, orienta, registra, retoma conteúdos e cria novas oportunidades para que o estudante avance. A avaliação torna-se, assim, instrumento de intervenção pedagógica.



GOSTOU DESSE MATERIAL?

Então não pare por aqui: a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

EU QUERO DESCONTO!